

O biógrafo e os segredos da narrativa biográfica: o roteiro para as memórias de Joinville

The biographer and the secrets of the biographical narrative: the script to Joinville's memories

El biógrafo y los secretos de la narrativa biográfica: la ruta para las memorias de Joinville

Marília Garcia Boldorini¹
Roberta Barros Meira²

Resumo: Desde o século XVII, quando houve o chamado nascimento do autor, a questão da autoria textual passou a ter bastante relevância, seja quanto ao público, seja quanto ao mercado editorial. Nessa direção, este artigo traça um perfil sobre o elemento da autoria, explorando entrevistas semiestruturadas feitas com os autores de duas narrativas biográficas – *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke, e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago. Ademais, a

¹ Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

abordagem tem como perspectiva a relação entre o processo de desenvolvimento do texto biográfico e questões peculiares concernentes ao gênero, refletindo acerca do modo de fazer a biografia. Ressalta-se, igualmente, o discurso dos entrevistados e o que diz a literatura específica. Além disso, o lugar de fala dos entrevistados também é averiguado aqui, na medida em que um deles é historiador, e o outro, escritor profissional. Por fim, procura-se apontar, nesse caso, as diferenças e/ou as similaridades de percepção sobre o que narrar a respeito do/a biografado/a e como desenvolver tal narrativa.

Palavras-chave: literatura brasileira; biografia; autoria; Raquel S. Thiago; Wilson Gelbcke.

Abstract: Since the 17th century, when there was the called author's birth, the question of textual authorship has have a lot of importance, in terms of the public, in terms of the editorial market. In this sense, the article delineates a profile about the authorship element, exploring semi-structural interviews with the authors of two biographical narratives: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, by Wilson Gelbcke, and *Eu, Wittich Freitag*, by Raquel S. Thiago. Furthermore, the approach has as perspective the relationship between the process of the development of the biographical text and peculiar questions that concern the gender, thinking about the way we produce a biography. We highlight, likewise, the interviewees' speech and also what the specific literature says. Besides, the interviewees' speech place is analyzed here too, considering one of them is a historian and the other one a professional writer. Finally, we intend to show, in this case, the differences and/or similarities of perception on what narrate about the biography subject and how to develop the narrative.

Keywords: Brazilian literature; biography; authorship; Raquel S. Thiago; Wilson Gelbcke.

Resumen: Desde el siglo XVII, cuando hube el llamado nacimiento del autor, la cuestión de autoría textual pasó a ter mucha relevancia, sea cuanto el público, sea cuanto el mercado editorial. En ese sentido, el artículo traza un perfil sobre el elemento de la autoría, explorando entrevistas semiestructuradas hechas con los autores de dos narrativas biográficas – *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke, y *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago. Además, el enfoque tiene como perspectiva la relación entre el proceso de desenvolvimiento del texto biográfico y cuestiones peculiares relativas al género, reflexionando sobre el modo de hacer la biografía. Se resaltan, igualmente, el discurso de los entrevistados y lo que define la literatura específica. Adicionalmente, el lugar de fala de los entrevistados también es averiguado aquí, en la medida en que uno de ellos es historiador, y el otro escritor profesional. Por fin, busca-se apuntar, en ese caso, las diferencias y/o las similitudes de percepción sobre que narrar en lo que se refiere al biografiado/a y como desenvolver esa narrativa.

Palabras clave: Literatura brasileña; biografía; autoría; Raquel S. Thiago; Wilson Gelbcke.

INTRODUÇÃO

Na Antiguidade, os textos literários eram transmitidos pela oralidade. Logo, cada indivíduo os contava à sua maneira, e não era preocupação a questão da autoria. Porém a situação mudou de figura com o passar do tempo, a partir do momento em que se percebeu

que os discursos poderiam ser transgressores. Conforme Foucault (2009), isso fez com que os textos passassem a ser vistos como objetos de apropriação, sendo uma questão determinante ao texto e ao autor o regime de propriedade, pelo qual o autor eventualmente poderia ser punido caso o que tivesse escrito não fosse entendido como adequado.

Como bem diz Kothe (1997), a literatura dissemina valores, o que põe em xeque o seu compromisso com a verdade e a fidedignidade do que diz. Explica ele que no Brasil, por exemplo, a literatura escrita é privilégio de minorias, fazendo com que a tendência seja silenciar problemas das camadas inferiores da sociedade, ou mesmo falar em seu nome a respeito delas, sem, no entanto, se presenciarem determinadas situações específicas.

Nos dias atuais, “os discursos ‘literários’ não podem ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto” (FOUCAULT, 2009, p. 276).

Igualmente reflete Lejeune (2014). Para ele, o autor, além de ser uma pessoa real, é produtor de discursos, cuja função é essencial numa sociedade letrada. A ele se atribui a responsabilidade de toda a enunciação textual, ao contar a história dele ou a de outro indivíduo, já que é em seu nome que se resume toda a existência do texto escrito.

Nesse sentido, tendo o autor importância fundamental no que se refere aos textos de sua criação, este artigo, que faz parte de uma investigação sobre os valores e significados do gênero textual biografia e o confronto entre discursos literários, históricos e culturais, intenciona apresentar a voz do autor por trás das narrativas. São trazidos aqui, como base da pesquisa, trechos das entrevistas semiestruturadas feitas com Wilson Gelbcke (2017) e Raquel S. Thiago (2017), respectivamente autores das obras *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!* e *Eu, Wittich Freitag*.

Assim, suas falas são analisadas com o propósito de entender o processo de criação e de desenvolvimento das publicações, na tentativa de compreender o modo de fazer textos biográficos, comparando tal processo entre ambos os autores e relacionando com o que diz a literatura específica. Ainda, são observados o processo de pesquisa e escrita da narrativa e as diferenças e semelhanças entre o lugar de fala dos entrevistados, considerando que um deles é historiador por formação, e o outro, escritor profissional.

Cabe ressaltar, antes de mais nada, que a ideia de trabalhar com textos biográficos partiu do que afirma Arfuch (2010) sobre o gênero textual biografia. Para essa autora, toda obra biográfica é, em certos aspectos, coletiva, na medida em que exprime conceitos da época, dos costumes, de uma classe, de grupos sociais, de gerações. Isto é, trata-se, sob determinado ângulo, de uma expressão de identidade coletiva. Consequentemente, as histórias de vida tornam-se significativas principalmente por conta do seu caráter coletivo, pensando tanto em formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais.

Por essa óptica, trabalhar com biografias fornece um panorama maior sobre a sociedade que aparece naquele contexto sob a luz de certa personagem, além de reforçar, ou questionar, aspectos apontados pelos discursos que circulam nessa sociedade.

O VIVER SOB O OLHAR CRÍTICO: A IDEIA DO NARRADOR

Vista como uma potente representação de memórias, a biografia está presente no cenário literário desde a Antiguidade. Daquela época até os dias de hoje, ela tem função relevante na sociedade, atuando como uma ferramenta de perpetuação de modelos exemplares de bons cidadãos, além de ser uma forma de explicar as relações que o indivíduo estabelece com o contexto em que está inserido (DOSSE, 2015).

Além disso, o escritor – não apenas de biografias, mas de qualquer texto literário –, conforme Cândido (2006), exerce na sociedade papel primordial, pois quando escreve um texto deixa de ser indivíduo e passa a exprimir a sua originalidade e suas ideias em relação ao mundo que observa em conformidade com o seu próprio ponto de vista, correspondendo, dessa maneira, a certas expectativas dos leitores. Logo, toda obra literária é dependente da posição social do escritor e da formação do público que vai ler aquela obra.

Sabendo da importância do gênero textual biográfico para a sociedade e tendo consciência do poder que o autor lança a si mesmo ao propor a escrita de uma narrativa, discute-se aqui o processo de criação e desenvolvimento de duas obras por meio da voz dos próprios autores. Portanto, aqui são travados diálogos entre as vozes dos biógrafos dos textos selecionados para análise e de estudiosos da memória social e do gênero biográfico, procurando constituir um texto polifônico e pensando cada interlocutor de seu próprio lugar de fala.

A ideia apresentada neste artigo de dar voz aos autores das publicações baseia-se nas reflexões do filósofo Walter Benjamin (1994) sobre a figura do narrador. Para ele, os vestígios da autoria estão bastante presentes de muitas maneiras diferentes nas narrativas e, tal qual o artesanato, que é marcado pela mão do artesão, é impossível não imprimir na narrativa a marca do narrador.

Sendo assim, escolheram-se duas obras biográficas que se passam majoritariamente no mesmo local (a cidade de Joinville) e na mesma época (o século XX, a partir da década de 1920), quando se deu o nascimento dos protagonistas das narrativas, até os anos 2000, data de publicação das duas obras.

Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!, primeira publicação do gênero textual biografia do escritor Wilson Gelbcke (2004), discorre sobre a vida da professora e ex-funcionária da Receita Federal Olívia Maia Mazzolli³, relatada por ela própria ao autor. Já o autor do material, Wilson Gelbcke, nasceu em São Paulo (SP) em 1933, mas mora em Joinville desde 1947. Aposentado, tornou-se escritor somente em 1997. É autor de obras juvenis, romances, poemas e biografias. Também é pintor e faz as ilustrações de seus livros. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

Ao ser questionado sobre o motivo que o levou a escrever a biografia de Olívia, Gelbcke (2017) conta:

Você trouxe aqui para mim esse livro biográfico aqui, Primavera em pleno outono, que é de uma grande amiga. [...] E quando ela estava para completar 80 anos, pela amizade que a gente tinha, ela veio e contou a história primeiro para a gente. [...] E mostrou muita coisa escrita, fotografias etc. [...] “Eu gostaria muito de saber se isso aqui fica bem eu falar no dia do meu aniversário.” [...] Eu li aquilo tudo, vi aquilo tudo. “Puxa vida, querida amiga, uma coisa que eu vou lhe dizer: é quase uma palestra que você quer fazer”. Mas, quando eu olhei, disse assim: “Você vai falar, você vai mostrar as fotografias. E o falar, o mostrar etc., isso com o tempo se esquece. Por que você não faz isso aqui...? O importante não é o falar, o mostrar; é o escrever.” [...] E a gente então ali começou. Começamos a ter essa vontade, essa ideia de realmente escrever.

Por meio dessa fala, constata-se a importância da escrita para a sociedade letrada, cujo registro escrito permanecerá ao longo do tempo, ou seja, não será esquecido, ao contrário do que é falado, por exemplo. Ao fazer tal afirmativa, Gelbcke (2017) concorda com Sarlo (2007), para quem a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência. Logo, para a teórica, há dependência mútua na dualidade testemunho/narração e experiência; isto é, eles não existem separadamente, nem um sem o outro.

³ Olívia é natural de Joinville e, juntamente com o seu marido, atuou como voluntária em trabalhos sociais a fim de ajudar famílias em necessidade, por meio do Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef). Ela também atuou como professora do magistério e como auditora fiscal da Receita Federal.

Por sua vez, *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), conta a história de vida do empresário e político Wittich Freitag⁴. Raquel S. Thiago, autora da obra, é natural de Joinville e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi professora da Universidade da Região de Joinville (Univille), nas disciplinas História de Santa Catarina e Formação Econômica do Brasil, e hoje está aposentada⁵. É membro da Academia Joinvilense de Letras e autora de livros, artigos científicos e matérias de jornal.

Assim como no caso anterior, a intenção de contar a história de Wittich Freitag partiu de quem viveu aquelas experiências, embora a autora da obra, diferentemente do caso da biografia de Olívia, tenha tido proximidade com o biografado apenas em termos profissionais; não existia amizade entre biografado e biógrafa. Explica Raquel S. Thiago (2017):

Esse livro foi iniciado pela professora Dúnia [de Freitas] como uma biografia. E ela chegou a escrever bastante coisa como uma biografia. Depois ela ficou muito doente e não conseguiu terminar o livro. Aí ficou aquele impasse. E aí vieram para mim. Aí a minha posição é que eu escreveria outro livro. [...] A minha motivação foi estritamente profissional. Vieram me contratar. Como era uma pessoa que eu não tinha restrições e sabia que eu não tinha amizade, intimidade...

No entanto é interessante ressaltar que S. Thiago não considera o que escreveu uma biografia, e sim um livro de memórias. Fora isso, ela se coloca no papel de *ghost writer*⁶ perante a obra:

Eu considero que o que eu escrevi não foi uma biografia. Foi uma memória, porque na verdade tudo o que está dito nesse livro não fui eu quem falou. Inclusive esse livro, depois eu estava refletindo, deveria ter sido assinado pelo próprio Wittich Freitag. Porque eu fui a pessoa que fez a redação, a ghost writer, mas até porque tudo o que está ali está nas fitas (S. THIAGO, 2017).

Ao fazer reflexões sobre a cultura pós-moderna e o comércio de autoria na escrita, Accioly (2002) aponta para o estímulo do uso da figura do *ghost writer* por conta do desenvolvimento do mercado de autobiografias, tido por ela como um dos gêneros da literatura de massa. O mercado da autobiografia está em grande crescimento, com números de venda maiores a cada ano, e, segundo ela, biografia de gente famosa vende, principalmente se escrita em primeira pessoa:

O leitor constituído pelo mercado cultural prefere, muitas vezes, um “eu” fictício, um autor “fake”, a ser confrontado com uma multiplicidade que, apesar de real, provoca estranheza e ameaça derrubar mitos que lhes são caros (ACCIOLY, 2002, p. 35).

Logo, o *ghost writer* vem no intuito de consolidar a figura identitária do autor e da autoria como lugar de poder.

⁴ Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, pois aqui construiu e consolidou a primeira fábrica de refrigeradores da Região Sul brasileira, a Consul, e criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Ainda, atuou como vereador, deputado estadual e por duas vezes foi prefeito, exercendo seu trabalho sempre em Joinville.

⁵ Suas pesquisas envolvem história, história de Santa Catarina e história regional, principalmente nos seguintes temas: história, identidade, memória, colonização e imigração.

⁶ Profissional terceirizado a quem parte do processo de confecção de um livro é transferido, sobretudo e geralmente a escrita do texto.

Por essa razão, como não teve liberdade de atuação no texto, de certa maneira já pronto, pois nada podia ser alterado, S. Thiago (2017) vê o seu trabalho como semelhante ao de um *ghost writer*, partindo do princípio de que escrever é uma habilidade específica. No caso de Wittich Freitag, ele tinha a história – experiências de sua vida. Coube a S. Thiago dar qualidade literária a ela: “*Eu acho que qualquer texto tem que ter um pouquinho de qualidade literária, para ficar agradável de ler, né? Senão fica muito maçante*” (S. THIAGO, 2017).

Igualmente, é em função disso que a autora não considera o seu texto uma biografia, e sim memórias, afinal o texto biográfico tem como pressuposto mostrar elementos contraditórios do contexto e as diversas representações de uma mesma personagem (LEVI, 2006), diferentemente do que se tem em memórias, cujo princípio é a escrita de si, tal qual uma autobiografia (LEJEUNE, 2014).

Constata-se, então, que o desejo de ter sua vida relatada em um livro partiu dos próprios biografados, por motivos distintos, mas procurando alcançar o mesmo objetivo: registrar suas experiências nas páginas de uma obra, por considerar aquilo importante de ser dito e digno de fazer parte de algum modo da história da cidade, já que os dois tiveram certa influência no cenário joinvilense – Olívia no campo da caridade, por meio de ações sociais, e Wittich Freitag, nos segmentos político e econômico do município.

Conforme diz Sarlo (2007), a vontade individual de despir-se em palavras deriva do anseio de tornar-se sujeito. Ao comunicar suas experiências, o indivíduo molda um sentido para elas, afirmando dessa maneira sua posição como sujeito numa sociedade em que sobressair-se é a cada dia que passa mais pujante. Os relatos da memória que o sujeito guarda para si funcionariam, de acordo com a teórica, como a “cura’ da alienação e da coisificação” humanas (SARLO, 2007, p. 39).

Interessante ressaltar, além disso, que a produção de ambos os livros foi paga pelos próprios biografados. Na ocasião do lançamento de seu livro, Wittich Freitag já havia falecido, mas ele participou de todo o processo de desenvolvimento da obra, fornecendo entrevistas para a sua biógrafa (S. THIAGO, 2017). Já Olívia fez o livro com a intenção de reverter o dinheiro das vendas ao Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef), entidade filantrópica em prol de famílias carentes de Joinville fundada por ela e seu marido (GELBCKE, 2017).

O anseio de transformar suas experiências em algo mais durável fez com que Gelbcke construísse uma relação com o gênero biográfico ao longo de sua carreira literária:

Quando sai o primeiro livro, alguém que lê o primeiro livro diz: “Puxa vida, eu gostaria também de ter a minha biografia”. E aí de repente mais um pede, mais um pede. Então essas coisas praticamente não param, elas continuam... [...] Eu aposentei em 1994, mas foi em 1997 que eu fui escrever o primeiro livro. Olha, de 1997 para agora são 20 anos. Então foi praticamente um livro por ano. É bastante (GELBCKE, 2017).

Por conseguinte, a relação do escritor com textos biográficos passou a ser intensa, a ponto de sete dos seus 17 livros atualmente publicados serem biografias. O autor contou que no início não pensava em escrever esse gênero textual; ele pretendia ser um romancista, no entanto suas experimentações biográficas fizeram com que outras pessoas o convidassem para escrever suas biografias (GELBCKE, 2017). Como ele mesmo diz:

Quando eu faço um livro, você sempre deve dar um bom exemplo de alguém ler [...]. O que que se pode dizer que tem de importante o livro? Mostrar que em Joinville tem personagens que fazem, que praticam o bem, que fazem as coisas para o bem da cidade. E não só para o bem da cidade, o bem da cultura, dar bons exemplos. Bom exemplo também eu acho que é isso (GELBCKE, 2017).

Já S. Thiago tem outra perspectiva acerca do assunto:

Fazer uma biografia de uma pessoa viva é muito perigoso. Imagine uma figura como o seu Wittich Freitag... Eu dar a minha opinião, eu falar sobre ele. Então, eu não tenho liberdade para falar mal, não tenho liberdade para falar bem. Iria ser um relatório. Então eu penso que na escrita tudo ficaria muito prejudicado. A própria autenticidade da obra. É uma questão de honestidade mesmo. Agora, se fosse lá do Ottokar Doerffel, lá de trás, que a história já tem um período... É outra coisa. É outra realidade, outro panorama (S. THIAGO, 2017).

A autora posiciona-se com cautela perante um projeto biográfico, pela pouca liberdade que lhe é disponibilizada para lidar com o assunto, já que, segundo suas palavras, fica complicado assumir opiniões, sejam elas favoráveis, sejam contrárias, sobre o biografado na presença dele.

Esse foi o motivo para preferir escrever a sua obra em primeira pessoa, e não em terceira, como normalmente acontece nos textos biográficos, dando-lhe mais aparência de autobiografia:

Ele [Wittich Freitag] queria escrever as memórias dele, então ele queria contar a vida dele. Eu parti do princípio de que, se ele queria contar a vida dele, deveria ser em primeira pessoa. E a família achou ótimo. E o livro acho que ficou bom dessa forma (S. THIAGO, 2017).

A respeito do modo de desenvolver a narrativa – em primeira pessoa, como no caso da biografia de Freitag, ou em terceira pessoa, como na biografia de Olívia, embora o texto intercale várias falas da própria biografada, em primeira pessoa, portanto –, Lejeune (2014) elabora a ideia de que, quando o texto biográfico é escrito em primeira pessoa, se exclui a possibilidade de ficção. Ou seja, a narrativa é historicamente fala e da ordem da mentira, da não ficção, constituindo o que em teoria o autor chama de “pacto autobiográfico”, o qual aparece disperso e repetido ao longo do texto. Conforme essa ideia, na biografia de Freitag, o pacto autobiográfico está presente desde o título da publicação (*Eu, Wittich Freitag*), é desenvolvido no preâmbulo e confirmado na extensão do texto, com o emprego do pronome pessoal *eu*.

Toma esse mesmo partido Sarlo (2007), ao dizer que a autenticidade de uma experiência posta em relato é falha, tendo em vista que o sujeito que conta suas histórias veste uma máscara, ou se esconde atrás de uma assinatura:

Tudo o que uma “autobiografia” consegue mostrar é a estrutura especular em que alguém, que se diz chamar de eu, toma-se como objeto. Isso quer dizer que esse eu textual põe em cena um eu ausente, e cobre seu rosto com essa máscara (SARLO, 2007, p. 31).

Por essa razão, Gelbcke está adiando um projeto que já está mais ou menos pronto, uma autobiografia:

Eu contei a minha história desde 1931, 32, 31 era meu pai, 32, 33 eu nasci. Tem toda a minha história. Está tudo aqui uma história. Mas aí eu me pergunto: “Tu vai escrever isso? A tua história?”. Aí o que que vem? Geralmente quando você faz a própria história, aí tem sempre um lado que olha isso positivamente, e tem o lado: “Está querendo se mostrar? Está querendo... O que que é isso?” (GELBCKE, 2017).

Nessa esteira está Arfuch (2010), que afiança que o relato de uma vida consiste em nada menos do que uma “*fábula da (própria) vida*” (ARFUCH, 2010, p. 71, grifo do original), narrada uma vez ou outra, constituindo-se, pois, no objeto da biografia. Sobre esse aspecto, S. Thiago (2017) comenta acerca do lançamento do seu livro, em 2004:

Na época o PT [Partido dos Trabalhadores, de oposição a Wittich Freitag, pertencente a outro partido], que odiava o seu Freitag. Até ele é meu amigo, do PT. Veio um e disse assim: “É, a Raquel humanizou o seu Freitag”, porque eles diziam que ele era nazista, que ele era isso. Ele tinha uma cara assim... Pode ver que no livro ele está com aquela cara fechada, mas ele não era nada disso. Ele era uma pessoa... Ele tinha uma certa afetividade, mas que não aparentava. Então disse que eu humanizei. Aí eu digo: “Olha, vão lá ver nas entrevistas o que ele falou”. Até procurei assim não fazer uma coisa melada, porque não é a cara dele, mas era um pai de família, um marido.

Por esse ângulo, ao traçar o retrospecto do gênero textual biografia, verifica-se que ao longo dos séculos esse tipo de texto teve como função primeira a identificação de modelos de indivíduos com comportamento exemplar, a fim de que o leitor se espelhasse naquela personagem e incorporasse em si as qualidades dela (DOSSE, 2015).

A ideia de que biografias precisam ser de pessoas importantes e de destaque na sociedade parece estar bastante presente entre os autores entrevistados, herança histórica ainda hoje existente na mentalidade social:

Uma vontade realmente de fazer com que o livro fosse um exemplo do que é... Por que não seguir um caminho como esse? Então, dando uma demonstração, e eu não... Não é apenas esse livro. Isso para mim tem sido sempre uma preocupação, uma vontade até de escrever uma coisa sobre isso, sabe? [...] Quando eu faço um livro, você sempre deve dar um bom exemplo de alguém ler e dizer: “Puxa vida! Por que eu estou reclamando disso se aqui há um belo [exemplo] que deu certo, do que é o correto?” (GELBCKE, 2017).

Para Gelbcke (2017), ao escrever uma biografia é necessário pensar no exemplo que o biografado vai deixar ao leitor:

Então esses autores que fizeram biografias, eles fazem desses biografados pessoas que podem ser sempre lembrados e exemplos que devem ser seguidos, porque é raro uma biografia de um exemplo a não seguir, é um pouco raro. A não ser que um cara faça uma biografia com o estilo justamente de machucar. De repente, teve um cara que fez só de mal, prejudicou a cidade... E não foi ele que pediu, mas alguém fez o livro dele dizendo: “Olha o mal exemplo, e isso e aquilo”. E não deixa de ser uma biografia também.

Vê-se então que a biografia, ou os gêneros textuais semelhantes a ela, embora calcada no terreno da não ficção, está sempre flertando com a ficção, num jogo de verdade ou mentira, ou de verossimilhança. Por esse motivo o texto biográfico pode ser objeto de estudo tanto da literatura quanto do campo historiográfico. Essa estratégia funciona como uma maneira de enaltecer o indivíduo biografado, ou de ao menos não o criticar. Afinal de contas, parte-se do princípio de que, se o sujeito está sendo biografado, ele merece aquela honra de alguma forma. Ou seja, é de seu merecimento ter suas memórias registradas em livro e permanecer na sociedade além da própria vida.

PORTAS ADENTRO: O BIÓGRAFO EM PRIMEIRO PLANO

As reflexões deste artigo vão ao encontro do que pensou Arfuch (2010) ao desenvolver *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Nesse trabalho, a teórica afirma que sua preocupação ao discutir o gênero biográfico e todos os demais que seguem essa mesma linha não é tanto em relação ao “conteúdo” do relato em si ou à verdade do ocorrido; são as estratégias que de fato importam:

Sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto de olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu* (ARFUCH, 2010, p. 73, grifo do original).

Assim, o ponto primordial deste artigo é discutir as estratégias lançadas no texto pelo escritor ao discorrer sobre a vida do seu biografado. Quais episódios foram escolhidos para fazer parte da narrativa? Por que esses episódios especificamente, e não outros? A experiência autoral teve alguma influência em como a história seria contada? Qual foi a intenção de ser escolhido determinado foco narrativo? O cenário em que se passa a história foi pensado de que maneira?

Sob esses aspectos, verifica-se que o autor, por meio do seu livro, oferece uma infinidade de possibilidades de interpretação ao leitor, as quais são fundamentadas na estrutura do texto e no jogo das relações internas que apresenta e, portanto, devem ser coerentes com o que está exposto naquelas páginas. Logo, com base nas estratégias lançadas pelo autor em sua narrativa o leitor reconstruirá o contexto do que lê a fim de ser capaz de compreender a obra (JOUVE, 2002).

Afinal de contas, será o nome do autor a estampar a capa da publicação e será ele o responsável pelo conteúdo da obra. É nessa ideia que pensa Gelbcke (2017) ao escrever um livro:

Eu, já que eu sou o autor, o meu nome que vai estar aqui, eu tenho que olhar não só a história que eu vou contar, mas por que foi contada dessa forma. E quem vai ler, pelo menos na minha cabeça tem isso. Que eles leiam e que deem os aplausos.

Vê-se, então, que o objetivo final de toda publicação é a satisfação do leitor. Sem leitor, livro nenhum faz sentido.

Deve-se ter em mente, porém, que a relação que o autor propõe ao leitor é sempre assimétrica, afinal autor e leitor estão distanciados um do outro no tempo e no espaço. Embora esteja afastada do seu autor, afirma Foucault (2009, p. 268) que a escrita consiste na “abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”, afinal o autor caracteriza de certo modo o discurso e, por isso, tem por função fazer circular certos discursos na sociedade. Pensa-se por esse viés o poder que tem o autor ao publicar uma obra.

Concorda com essa ideia o filósofo Benjamin (1994), ao dizer que o narrador não está de fato presente na atualidade da leitura, no entanto retira da sua própria experiência o que ele conta. Isso faz com que a narrativa conserve suas forças e seja capaz de desenvolver-se mesmo após longo período de tempo.

Ao refletir sobre essas questões especificamente no tocante ao gênero textual biografia, Levi (2006) propõe dois focos diferentes quanto à narrativa: ela pode focar tanto a vida de uma personagem abstraindo-se do fato histórico quanto o contrário, ou seja, enfatizar o fato histórico abstraindo-se do destino individual. Independentemente do foco, entretanto, o autor deve atentar ao contexto, à superfície social em que age o indivíduo, já que este atua em conformidade com as relações oportunizadas por determinado contexto.

Então, um dos questionamentos feitos na entrevista realizada com os autores Gelbcke e S. Thiago deu-se sobre o processo de construção da narrativa. Acerca do tema, S. Thiago (2017) explica:

O livro foi a partir de entrevistas com o próprio Wittich Freitag. Depois eu fiz muitas entrevistas com funcionários, pessoas que conviveram com ele da política, da empresa, da sociedade. Até ali atrás [do livro] tem o que eles disseram. Então na verdade esse livro ele [Wittich Freitag] conta, não sou eu. [Conta] um pouco da história empresarial e da história política.

Além de realizar as entrevistas, a autora também diz que conversou com alguns familiares de Freitag e usou jornais e revistas para confirmar se os acontecimentos relatados nas fitas de gravação de fato aconteceram no período apontado, indicando a importância de ter um contexto coerente como pano de fundo para a narrativa:

A grande fonte minha é o depoimento. Essa é minha fonte principal. Aí eu vou checar nos jornais, vou ver se o tempo que ele está se referindo ele não se enganou. Também tem isso tudo. Tudo tem que ser checado, a questão factual (S. THIAGO, 2017).

Apesar disso, ela ressaltou na entrevista que escreveu a publicação como uma escritora, e não como uma historiadora: “É um livro escrito por uma escritora formada em História, pesquisadora e historiadora” (S. THIAGO, 2017).

Quando se trata do gênero textual biografia ou mesmo autobiografia, para Lejeune (2014), ao contrário de todas as formas de narrativa ficcional, compõem-se textos referenciais. Ou seja, eles baseiam-se no mesmo princípio do discurso científico ou histórico, propondo informações a respeito de certa realidade externa cujos fatos são prova de verificação. Logo, esse tipo de texto não busca a simples verossimilhança, como o romance, por exemplo, mas a semelhança com o verdadeiro. “Não o ‘efeito de real’, mas a imagem do real” (LEJEUNE, 2014, p. 43).

Por sua vez, Gelbcke (2017) restringiu a base da sua narrativa às entrevistas com a própria biografada, salientando, porém, que é o autor, ou seja, ele mesmo, quem deu o formato à história contada:

Uma biografia é uma coisa diferente de escrever um livro sobre romance, sobre poema, sobre tudo isso. A biografia é sobre um assunto. Ou é sobre uma empresa, ou sobre um personagem, sobre alguém. Então você conversa. E nesse momento não é você, você conta a história que lhe é narrada. A vantagem de contar essa história é que você sabe... Porque alguém tem uma bela história, mas não sabe como contar essa bela história. O que eu devo fazer? E assim vai.

Nesse sentido, sobre a seleção dos episódios que integram a narrativa, Gelbcke (2017) relata que a experiência autoral faz diferença em tal momento:

Quando se faz uma biografia [...], é sempre importante você mostrar o início, o meio e o fim. Como é que aconteceu. [...] Não precisa falar quando nasceu, quando era criança, isso não. De repente a biografia é sobre um personagem que ele é uma função dele é um médico, e ele faz isso e quer mostrar o que ele já fez. Aí já é diferente. Mas no caso dela aqui, sendo a primeira biografia que eu fiz, eu me encantei com tudo isso e trabalhamos juntos. [...] Então a biografia é o autor que escreve com o biografado. Cabe ao biografado contar o máximo que pode, mas, ao contar, ele tem a história dele e deixou de lado alguma coisa que ele nem tá lembrando, mas você pergunta: “Por que aquilo aconteceu?”. Puxa, tem mais aquilo. Com isso, você vai desenvolvendo.

Vê-se, portanto, que Gelbcke investiga mais a vida pessoal de Olívia, e não discorre tanto sobre a sua vida profissional, por exemplo:

Porque no livro eu busquei também certas coisas que ela escrevia. A parte profissional também tem. [...] Se eu for colocar tudo o que ela tem aqui, o livro ficaria bem mais grosso. Então a gente vai selecionando aquilo que você olha [...]. No caso dela, tratando-se da amizade que a gente tem e tratando-se de quem são os companheiros com que a gente sempre esteve junto, era muito mais lógico ao escrever ter um livro que está assim. Então até na hora em que a gente escreveu esse livro, era para não esquecer essa pessoa, aquilo que era. Não vem ao caso ela, por exemplo, ela durante anos e anos foi do imposto de renda e cuidar do profissional, e tal e coisa. Mas isso a gente deixou de lado. Isso aqui, por quê? Porque, meu Deus, aquilo

que a gente gostava dela era aquele momento que ela tem de sempre ajudar. [...] Ela sempre foi muito de colaborar, de ajudar as pessoas, sabe? Isso sempre esteve dentro dela. Ainda hoje. Ainda hoje ela ainda tem muito disso. [...] A ideia do livro era isso. Mostrar que ela já tem 80 anos.

Faz o contrário S. Thiago (2017). A autora menciona detalhes a respeito da vida pessoal de Wittich Freitag apenas para familiarizar o leitor em relação à personagem. Ela dá apenas pinceladas em questões mais íntimas, utilizando esse recurso como uma maneira de começar o relato, de introduzir o leitor naquele mundo:

Porque ele se destacou como um cidadão que não nasceu em Joinville, mas veio muito jovem para cá. Tornou-se um empresário, um empresário também de uma geração muito importante [...]. E pelo fato de ele também criar fábricas de geladeiras, o que era muito difícil no Brasil, né? E, também, por ele ser um empresário que atuou após a Segunda Guerra Mundial e durante, o que tem muito a ver, o que está ali no livro. É um dos cenários. [...] E outra por ele ter sido político também, foi uma pessoa importante, foi um líder, assim. [...] Então, quer dizer, o que marcou a estrutura foi muito óbvio. Deu aquela vida particular dele ali, até para mostrar a formação dele, para ver o caminho, a contextualização nas mãos, para produzir esse trabalho.

S. Thiago, no entanto, expressa que desejava poder ter ido mais adiante em algumas questões:

[Ter ido mais a fundo] com outras coisas, abordando mais como ele via a questão econômica, política. Então eu tive que puxar um pouco da história, colocar como pano de fundo, para dar um contexto, que era um contexto que ele [Wittich Freitag] não negava (S. THIAGO, 2017).

Portanto, a escritora concorda que um dos pontos principais da biografia é o contexto sociopolítico, econômico e cultural em que o biografado está envolvido, já que os acontecimentos de sua vida só ocorrem por conta do contexto em que o indivíduo biografado se insere:

Não vou dizer que era uma preocupação, porque não era uma coisa que estava assim evidente. Mas é a coisa natural. Porque a paisagem, o contexto, o ambiente, tudo o que se dá está dentro de uma paisagem, um contexto e de um ambiente. Precisa de um ambiente. Então isso é automático. [...] Tanto é que eu nem pensei nisso de mostrar Joinville. É mostrar o contexto em que ele estava [...]. Eu estou relatando fatos dentro de uma cidade (S. THIAGO, 2017).

Já Gelbcke tem uma visão menos incisiva sobre o assunto:

Eu acho que toda, não só o livro, não só esse aqui, mas eu acho que todo livro biográfico se é de uma pessoa de Joinville ou uma empresa de Joinville, você precisa falar sobre a cidade, você precisa dizer o que que isso traz de bem realmente para a cidade (GELBCKE, 2017).

Uma das hipóteses para as diferentes percepções dos autores quanto aos biografados é o fato de S. Thiago ter formação em História, o que acarreta certa preocupação, mesmo inconsciente, de explicar historicamente os percursos de seus biografados, e isso é o ponto principal, como afirma Schmidt (2014), de uma biografia escrita por um historiador. Diferentemente de jornalistas e escritores em geral, cujo foco permanece na vida pessoal da personagem, os historiadores trabalham a biografia como um suporte para o esclarecimento de fatos históricos, a ponto de S. Thiago (2017) assegurar: “[O livro conta] um pouco da história empresarial e da história política. E eu acho muito interessante porque na questão da política ali existem dados que não existem em lugar nenhum. É a história que ele contou”.

Assim, constata-se que o texto biográfico pode ser utilizado também como fonte primária de investigação, embora ainda se veja esse cenário especificamente com cautela, sobretudo por parte de historiadores mais conservadores.

Afinal, como afirma Sarlo (2007), narrar uma história faz com que o narrador inscreva a experiência contada em certa temporalidade, que pode ser ou não ser a sua, mas que não é a do acontecer; trata-se apenas da temporalidade de sua lembrança. No entanto, ao construir essa narração, uma nova temporalidade é fundada e ela, a cada nova repetição, tende a se atualizar.

Outra hipótese para essa diferença pode ser o gênero das personagens. Pensando a literatura como um dos retratos que descrevem a sociedade, ela não poderia deixar de lado a questão homem *versus* mulher, numa sociedade marcada pelo protagonismo masculino na grande maioria dos quadros sociais. O homem predomina na conjuntura das biografias, ganhando destaque na obra, e a mulher é em geral vista como o suporte para que ele alcance a posição almejada. Cândido (2006, p. 38, grifo do autor) afiança que isso acontece porque “a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada”.

Esse panorama foi encontrado na análise do discurso das biografias estudadas, apresentada em momento anterior, e vê-se que a ideia da distinção de gêneros está presente também na fala dos entrevistados. Acreditam eles que, pelo fato de os biografados serem de gêneros diferentes, suas narrativas devem ter focos distintos. Explica S. Thiago (2017):

Eu nunca escrevi a vida de uma mulher. Acho que a mulher é mais complexa. Deve ser mais complicado. [É] A impressão que dá, mas também depende porque eu aí não me foquei na vida particular dele [de Wittich Freitag], foi mais a vida de cidadão, como empresário e como político. Apenas um capítulo ali para dar a questão de família, mas não entrei. Por exemplo, a vida de uma mulher. Vem uma pessoa aqui para contar a vida, os dramas, os amores, os desamores, os filhos. É outra coisa.

Com base nesse trecho da entrevista, é possível perceber que a autora pactua com a crença de que a mulher tem mais profundidade do que o homem e que, se é uma vida feminina a ser contada numa biografia, se faz imprescindível abordar assuntos de caráter mais íntimo e particular, como dramas e amores, além da questão dos filhos, associando a mulher à maternidade, suscitando a ideia de que a função social da mulher é a reprodução, a geração de filhos para a formação de uma família. Quando o homem é o protagonista da obra, tem-se essa perspectiva de maneira oposta. O que importa é sua vida como cidadão e profissional, promovendo, por conseguinte, a sua figura de provedor da família.

Gelbcke (2017) conta que não teve dificuldade em narrar a vida de uma pessoa de gênero diferente do seu por causa da amizade que biografada e biógrafo têm há muitos anos, fazendo com que ele a conheça na intimidade – lançando aqui mais uma vez a ideia de que, por ser mulher, é preciso tratar de assuntos de natureza mais privada em sua biografia:

Se essa pessoa, eu não tivesse uma relação com ela, não fosse bem relacionado, e apenas eu seria o autor de um livro, e essa pessoa... Eu fui escolhido porque essa pessoa soube que eu era escritor. [...] Porque, antes disso tudo, você precisa conhecer a pessoa, você precisa entender como ela lida com as coisas, como ela imagina as coisas etc. Nesse caso, foi um caso diferente. Muito antes de a gente resolver fazer a história, nós já conhecíamos boa parte da história, porque nós já convivíamos juntos, e nós tínhamos uma admiração muito grande, como temos ainda hoje (GELBCKE, 2017).

Por diversas vezes na sua entrevista, Gelbcke (2017) salienta a admiração que sente por Olívia, sua biografada. Embora a ideia da biografia tenha partido dela, o autor sente-se honrado de poder dar forma a sua história e dividir com ela a assinatura da obra.

A identificação entre autor e personagem é ressaltada por vários autores que discutem os inúmeros gêneros textuais que se assemelham à biografia. Lejeune (2014), por exemplo, assegura que a (auto)biografia só é possível quando existe relação de identidade entre autor, narrador e personagem. Em alguns casos essa identificação é tão explícita que chega a parecer que ambos – biografado e biógrafo – se fundem num mesmo ser: a personagem protagonista da narrativa. Foi o que aconteceu em relação à biografia de Wittich Freitag, conforme S. Thiago (2017):

Era a vida dele. Eu sempre escrevi como se... Eu incorporava ele. Tanto é que a filha disse assim: “Meu Deus, Raquel, como é que você conseguiu isso? Porque parece que é papai que está falando”. Então eu incorporava mesmo, porque ele já estava morto [Wittich faleceu no fim do processo de escrita da publicação]. Ai as pessoas amigas, as pessoas mais velhas alemãs, logo que foram comprar o livro: “Meu Deus, como você pôde? É o seu Freitag falando”. Eu digo: “Pois é! Eu incorporei ele”.

Com isso, observa-se que o texto biográfico é uma reunião de memórias, sejam elas individuais, sejam coletivas, das mais diversas ordens, negociadas, processadas e inseridas em uma temporalidade que já não é a mesma do momento da escrita. Ou seja, trata-se de uma maneira de reconstituir fatos do passado dando a eles referências atuais, as quais podem partir do autor da publicação, do narrador da história ou do próprio indivíduo biografado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a escrita biográfica, busca-se por meio de memórias consolidar a importância de uma figura específica e que de alguma maneira se destacou na sociedade. Como foi visto neste artigo, uma grande fonte de pesquisa é o próprio indivíduo a ser biografado, ou seus familiares e aqueles que com ele conviveram. Esses depoimentos atuam como fonte primária para a biografia ou para os gêneros textuais a ela relacionados. É preciso ter em vista, porém, que a neutralidade pode ser colocada em xeque nesse quesito, considerando que o biografado é descrito apenas por ângulos singulares.

Numa biografia, temos três entidades diferentes atuando de forma conjunta – autor, narrador e biografado –, e são essas três figuras que decidirão a configuração da obra, os aspectos que ela abordará e os assuntos de que tratará. Um mesmo protagonista pode ter sua vida contada diferentemente diversas vezes; tudo vai ficar a cargo do narrador e depender de como ele vai manejar esse contar, assim como do enfoque que acredita ser o mais adequado.

Todavia, ao examinar a trajetória dos textos biográficos ao longo dos séculos, constata-se que o princípio biográfico é sempre o mesmo: enaltecer o biografado. A biografia surge na sociedade como uma homenagem, o que não significa apagar feitos negativos. Logo, a biografia é o resultado do diálogo entre autor, narrador e biografado, procurando a perspectiva que melhor lhes convém.

Além disso, verifica-se que, ao ser elaborada uma biografia, à personagem a ser biografada passa a ser atribuída uma nova identidade, fruto de mecanismos e estratégias de que o narrador lançou mão em seu texto.

Nesse sentido, pode-se compreender que a biografia consiste às vezes na criação de mitos regionais. Por outro lado, raramente é uma história dos socialmente mal ajustados. Isso não quer dizer, no entanto, que o narrador, ao privilegiar principalmente os fatos considerados belos e sublimes, deixe de enveredar pelas ideias, costumes e conflitos sociais de uma época. Ao definir os sujeitos históricos considerados nobres e privilegiar certa forma de narrar, o biógrafo acaba por elucidar ângulos estratégicos na construção de uma história

marcada pelos níveis de tensão entre os espaços femininos e os masculinos. Igualmente, ao matizar os tons que exprimem a história vivida por mulheres e homens, a relação entre biógrafo e biografada, e vice-versa, parece definidora da naturalização das diferenças no narrar como algo que tinha de ser contado. Ou melhor, o direito dado aos homens de contar as suas próprias memórias com mais livre-arbítrio e mediações interpenetram o contar das memórias das mulheres.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, M. I. Comércio de autoria: um sintoma da cultura pós-moderna. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 27-40, 2002.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2010.

BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. (Ditos e Escritos, III).

GELBCKE, W. **Primavera em pleno outono**: a jovem Olívia faz 80 anos! Joinville: Letradágua, 2004.

_____. **Wilson Gelbcke**: entrevista [21 nov. 2017]. Joinville, 2017. Entrevista concedida a Marília Garcia Boldorini.

JOUVE, V. O que é a leitura? In: _____. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 17-33.

KOTHE, F. Cânone e valor. In: _____. **O cânone colonial**. Brasília: Editora UnB, 1997. p. 103-140.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

S. THIAGO, E. R. **Eneida Raquel S. Thiago**: entrevista [22 nov. 2017]. Joinville, 2017. Entrevista concedida a Marília Garcia Boldorini.

S. THIAGO, R. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

SARLO, B. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: _____. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, B. B. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.